

ALMA BRASILEIRA



Wesley Aragão de Moraes

ALMA BRASILEIRA:
Alma Sul Americana
Antropogeografia Oculta

1ª edição
São Paulo 2014

Logo



Índice

Introdução

1. Da Lemúria, da Atlântida e do chão do Brasil: Paleogeologia

2. Contatos pré-colombianos

3. Os Índios das Américas

4. Mitologia Kamayurá

5. A Mama África

6. O português e o imigrante europeu

7. Conclusão: afinal, a Alma Brasileira

Bibliografia



Introdução

Os membros de um povo só poderão dar sua contribuição livre e concreta à missão comum de toda a humanidade se, antes de tudo, tiverem a compreensão de sua índole étnica, a compreensão do que poderíamos chamar de "autocognição da etnia".

Rudolf Steiner (1986)

Não pretendo que este seja um livro científico, acadêmico. Pensei num texto que reunisse história, geografia humana, antropologia e etnologia, arqueologia e, principalmente, ocultismo. Pretendo demonstrar também que ocultismo não é o que a maioria das pessoas imagina – um conjunto de rituais e de práticas misteriosas e de fórmulas secretas, etc. Ocultismo é mais outra forma de conhecimento, sintético, livre, sem as exigências rígidas do academicismo e sem a igual rigidez do dogma religioso. Ocultismo é mais um modo imagético de se entender o mundo. Atrelado a uma abordagem assim, lanço mão de um ramo meio esquecido das ciências, um ramo interdisciplinar, que abarca tanto as ciências humanas e sociais quanto as ciências naturais – a chamada antropogeografia. Esta é uma disciplina idealizada no início do século XIX por geógrafos apaixonados pela *Naturphilosophie* romântica alemã, tais como Ratzel e Von Humboldt.

A antropogeografia parte do pressuposto de que o meio humano é influenciado pelo meio ambiente, e vice-versa. Busquei então ampliar esta abordagem antropogeográfica, acoplando a visão espiritualizada do ocultismo. Este considera a possibilidade de que o "meio", seja humano ou ambiental, não se reduz apenas à dimensão física das coisas, mas se estende rumo às dimensões psíquicas e espirituais. Também considero a possível historicidade de afirmações que pertencem a uma tradição esotérica, tanto da Europa, quanto da Índia, quanto das tradições e lendas indígenas, tais como a Atlân-

tida, a Lemúria e algo que podemos denominar por “alma de um povo”. Passo assim, sem aviso, da postura historicista, ou etnológica, ou de uma psicologia social, à postura mítica. O ocultismo explica o mundo através de mitos. E, aqui, o *mithos* tem o sentido de “imagem que explica”, “que dá um significado”, e assim se aproxima da arte, da poesia e da religiosidade. Daí o sentido do subtítulo desta obra, “uma antropogeografia oculta”. O tema focaliza-se, assim, na questão da alma brasileira, da formação e das características, em comparação com outros povos. A própria noção de uma “alma brasileira”, ou de almas dos povos, almas coletivas, é própria do ocultismo.

Do ponto de vista do ocultismo, a cultura é a alma de um povo. Mas, diferente do pensamento acadêmico, para o ocultismo a alma de um povo é mais do que a sua cultura. A alma de um povo, para o pensar oculto, não é apenas, como vê o pensamento acadêmico sociológico, um produto social. A alma de um povo seria, além de algo sociológico, também algo entre o inconsciente coletivo junguiano e o efeito de inteligências supra-humanas que atuam por trás dos acontecimentos sociais e da cultura. Segundo o ocultismo ocidental, estas inteligências, ditas *angélicas*, que inspiram o inconsciente coletivo de um povo, recebem nomes tradicionais tais como *anjos*, *arcânjos*, *arqueus*, *exusiai*, etc. Estes nomes pertencem à tradição esotérica do cristianismo, mas, sob outros nomes, estão presentes nas sagas e mitos de outros povos – são os diversos deuses e deusas étnicos.

Para o ocultismo, um povo é como um organismo coletivo dotado de uma alma que insere neste mesmo povo determinadas características. Estas características de cada povo podem ser lidas e nomeadas por categorias ocultas, tais como “temperamento do povo” ou “qualidade planetária do povo”. Como seria e qual seriam a origem e a natureza da alma do povo brasileiro?

Espero poder suscitar o interesse e a curiosidade do leitor a respeito de um tema tão apaixonante, quanto o que pode ser assim colocado: “quem somos nós?”

O autor

1. Da Lemúria, da Atlântida e do chão do Brasil: Paleogeologia

A Terra não é apenas uma esfera de matéria inerte, sobre a qual vivemos. Ela é um ente vivo, um imenso organismo, dotada inclusive de psiquismo (a "alma do mundo" dos alquimistas) e de uma individualidade (o "espírito do mundo"). Este é o ponto de partida da tradição do ocultismo. E é o nosso ponto de partida. Os povos que viveram ou vivem sobre a Terra interagiram com ela enquanto entidade viva, e são influenciados por sua dinâmica ao mesmo tempo em que a influenciam.

Há muito e muito tempo, a Terra teria sido muito diferente do que hoje é assim como os seres que nela habitam. A Terra veio de uma forma planetária embrionária e, junto com ela, as diversas formas de vida, incluindo o homem – ou *Anthropos* –, também foram evoluindo. Na Torá hebraica, o Adão foi criado do "limo da terra", ou seja, da matéria da Mãe Terra, junto com os demais entes naturais. A criação de Adão completou-se quando Deus soprou sua essência para dentro dele. Assim, o homem, na metáfora bíblica, é em parte um ser da Terra e em parte um ser divino. Para as diversas tradições esotéricas, a Terra e o homem vieram juntos, unidos, evoluindo a partir de uma forma espiritual ainda imaterial, densificando-se ambos, passo a passo. Para as ciências modernas, materialistas, primeiro teria surgido a matéria e depois a vida, e só depois algo dotado de psiquismo. Para o ocultismo, primeiro surgiu o ser anímico-espiritual que, se densificando, adquiriu vida e, por último, matéria. E matéria nada mais é do que ser anímico-espiritual densificado. Este ser anímico-espiritual global, que originou as várias espécies e a própria matéria planetária é

denominado, na tradição oculta ocidental, pelo nome de *Anthropos* – ou, cabalisticamente –, *Adão Kadmon* (Adão Primordial). Junto com o Planeta, desde o início, este *Anthropos* foi se materializando e passando por estágios evolutivos, inclusive originando variações evolutivas que se tornariam os demais reinos naturais – o mineral, o vegetal e o animal.

Para os cientistas naturais, o homem como o conhecemos – ou seja, o *Homo sapiens* – não teria existido no passado distante da Terra e só apareceria bem mais tarde. E isto é verdade, perante a visão esotérica. Existia antes somente o *Anthropos* (diferente do *Homo sapiens*), que acompanhou a evolução do Planeta através das suas etapas. O *Anthropos* é uma entidade mais ampla, mais cósmica, enquanto o *Homo sapiens* é a sua variação principal, o homem atual. Todas as espécies viventes e até mesmo a matéria do Planeta descendem do *Anthropos*, mas não do *Homo sapiens*. As variações evolutivas do *Anthropos* deram-se através de Eras, ou “dias da Criação”. Estas, conforme a nomenclatura esotérica, configuram um conjunto de sete, com as seguintes Eras: “Polar”, “Hiperbórea”, “Lemúria”, “Atlante” e “Atual”. Estamos na “Era Atual”, a quinta, faltando ainda duas para completar o setenário. No momento, o *Anthropos* encontra-se no estágio de *Homo sapiens*, e o que denominamos por “natureza” seriam as linhas coevolutivas do mesmo. *Anthropos* é uma noção gnóstica ampla. *Anthropos* inclui as formas arcaicas, a forma presente e as formas futuras do ser humano em evolução.

A teoria de um continente chamado *Lemúria* já foi vista como acadêmica no século XIX e este nome provém da hipótese do zoólogo e viajante inglês Phillip Schlater, que especulava sobre o antes mais vasto território dos atuais primatas chamados lêmures. O antigo *habitat* destes animais seria indício de uma ligação entre Madagascar, Índia e Malásia, através de alguma desaparecida ilha então submersa. A Lemúria também existe como lenda em escritos sagrados do sul da Índia, entre o povo de etnia tâmil, que dão ao continente submerso o nome de *Kumari Kandan*. A Teosofia de Helena Blavatsky adotou o nome Lemúria, desde então. Rudolf Steiner o manteve em suas conferências e seus escritos.

Neste tempo mágico e misterioso em que as lendas da tradição dos iniciados denominam por “Lemúria” ou, em tâmil, *Kumari Kandam*, e que englobaria o que os geólogos denominam de Era Paleozóica e Mesozóica, a Mãe Terra ainda era bem diferente do que hoje é. Para os ocultistas, a Terra na Era Lemuriana ainda era instável, não totalmente solidificada e a sua atmosfera era muito mais densa do que a atual. O *Anthropos* inicialmente flutuava ou nadava no seio da densa atmosfera-oceano de natureza fluida proteica. Enquanto isto, formas proto-antrópicas mais densas iam se condensando rapidamente e assim formando o que viria a ser o reino animal e o reino vegetal. Toda a natureza se condensou, somente o ramo humanóide do *Anthropos* permanecendo em estado arcaico, isto é, semidensificado, fluido. Aos poucos, a massa planetária como um todo foi enrijecendo e permitindo formas de vida igualmente mais densas, mais sólidas, e menos “oceânicas” em sua superfície, até que se tornaram viáveis os grandes répteis. O solo poderia sustentar o peso de tão imensas criaturas, enquanto, no ar voariam pterodátiles e no mar nadariam imensos ictiossauros. O *Anthropos* humanóide, imaterial, ainda vivia inconsciente, ou seja, “no Jardim do Éden”. Rudolf Steiner, pai da antroposofia, dedica muitas páginas de seus textos à descrição destes fatos – em concordância com tradições míticas de outras culturas. Além das tradições, a fonte de tais informações estaria naquilo que o ocultismo denomina por “memória akáshica”. Esta noção remete ao fato, mais uma vez, de que a Terra é uma criatura sensiente e, como tal, tem a sua própria memória.

A memória da Terra está em sua alma, a “Alma do mundo”. E esta memória do Planeta se chama, conforme nomenclatura oriental, “memória akáshica”. Um homem iniciado, por via meditativa, conecta-se com esta memória e, assim, obtém as informações, sob forma de visões, de audições, de imagens, de lembranças, de sensações. Evidentemente, isto soa fantástico demais para o pensamento acadêmico comum. As descobertas científicas, entretanto, ajudam o iniciado a completar a sua compreensão.

Certamente, a localização da Lemúria, no hemisfério sul, corresponderia, em grande parte, à massa continental que hoje os geólogos denominam de Gondwana, os continentes então unidos que hoje englobam América do Sul, África, Índia, Antártida e Austrália, além de outras massas continentais que teriam se perdido no oceano em períodos mais antigos. Por outro lado, em termos mais amplos, todo o período de evolução do Planeta compreendido entre as eras geológicas paleozóica e mesozóica também pode ser denominado, simplesmente, por “Lemúria” ou “Era Lemuriana” – se incluirmos nisto a massa continental do então hemisfério norte da Terra, que hoje os geólogos denominam por “Laurásia”. Seria aquela fase da evolução planetária atualmente denominada *Pangeia*.



Pangeia-Lemúria (desenho do autor)

Na Era Lemuriana (ou, no sentido mais amplo, na Pangeia), os continentes estavam juntos, num determinado período, mas formando dois blocos: um bloco ao norte do Equador, chamado Laurásia, e outro bloco ao sul

do Equador, chamado Gondwana.¹ Neste momento da jovem Terra viviam sobre a sua superfície grandes dinossauros. Segundo as tradições esotéricas, o homem também viveria ali, como já mencionamos, desde um período ainda mais antigo, porém não como o homem atual. Ele existiria ali, entre animais e plantas primitivas e gigantescas, mas ainda diáfano, não totalmente sólido, diferente na forma e na consistência do que somos hoje. Este “homem” seria o arquetípico *Anthropos*, o projeto ainda sutil em evolução do homem, como tipo idealizado e, de início, imaterial. Os dinossauros, os futuros mamíferos e outras formas de vida passadas e atuais também descendem do *Anthropos*. Podemos imaginar que a evolução do *Anthropos* não terminou ainda. E que formas futuras deste surgirão, não mais como o *Homo sapiens* atual, mas outras formas mais aperfeiçoadas e sublimes de criatura humana. Na Lemúria vivia o *Anthropos humanóide*, o mítico Adão das tradições esotéricas, o tipo ancestral dos humanos. Mas não vivia lá o *Homo sapiens*, que seria o descendente atual de Adão e só apareceria sobre a Terra em períodos mais recentes. Por isto pode-se dizer, conforme a metáfora bíblica, que a Lemúria corresponde ao “Jardim do Éden”, quando o homem – *Anthropos* – ainda era sutil, não densificado e inconsciente, portanto, inocente.

Voltando ao passado, na Lemúria-Laurásia existia aquela parte dos continentes que deram origem à Eurásia atual (Europa e Ásia) e à América do Norte. Na Lemúria-Gondwana existia a parte dos continentes arcaicos que originariam a atual América do Sul e também África, Antártida, Austrália e Índia. A atual Índia migrou do extremo sul para pouco acima do Equador, fundindo-se com aquilo que seria a atual Ásia – e deste encontro houve um soerguimento do solo, dando origem à atual cordilheira do Himalaia.

Portanto, o parentesco geológico mais próximo da América do Sul é em relação à África, Índia, Austrália e Antártida. Por outro lado, são mais

¹ Os nomes “Gondwana” e “Laurásia” provêm, respectivamente, do nome de uma tribo do sul da Índia, Gondarwana, e do nome de um geólogo G. Lawrence. (N.A.)

aparentados geologicamente a América do Norte, Europa e Ásia. Lembrar que a Antártida já foi terra fértil e verdejante e, sem a atual capa de gelo, seria uma região muito semelhante ao que é hoje a Patagônia.

Esta questão do “parentesco geológico” é um primeiro passo para entendermos uma relação que os ocultistas de todos os tempos estabelecem entre a geologia e os seres vivos que vivem sobre uma região determinada do planeta. Esta questão do determinismo do local sobre populações humanas já fez parte das discussões científicas acadêmicas e, no século XIX, era defendida por geógrafos como Friedrich Ratzel e von Humboldt, numa disciplina então denominada “antropogeografia”. É a partir de uma antropogeografia ampliada por noções não limitadas pelo materialismo acadêmico que, então, tecemos estas considerações nesta obra. A partir disto, podemos chegar à conclusão que o Brasil e a América do Sul têm muito mais a ver com a África, em primeiro lugar, e com a Índia, em segundo, com Austrália e Antártica, em terceiro lugar, do que têm a ver com a América do Norte, Europa e Ásia. O parentesco geológico indicaria um parentesco não só físico entre os solos respectivos destes continentes, mas também uma relação sutil de forças não materiais que, na linguagem do ocultismo, são as “forças de vida” (ou etéricas) e as “forças anímicas” (ou animais) que configuram as diversas facetas da superfície da Mãe Terra. As forças de vida têm relação direta com o reino vivente dos vegetais. “Forças” é um termo que aqui uso, significando que não se trata de substâncias, mas sim de dinamismos. As forças anímicas têm relação direta com o reino dotado de alma, ou seja, o reino animal. O homem ainda se insere, acima do mundo de forças anímicas, num mundo espiritual. E, abaixo de tudo, num mundo físico. Assim correlaciona o ocultismo o homem aos demais reinos. Esquematizando:

Mundo Espiritual – nível humano de consciência

Mundo de Forças Anímicas – nível animal de consciência

Mundo de Forças de Vida – nível vegetal de consciência

Mundo Físico – nível mineral de consciência

Quando uma população humana vive sobre determinada região da Terra, insere-se esta mesma população nas quatro correlações acima. O ambiente, por sua vez, interage com população humana que o habita também a partir das quatro correlações. Há uma interação entre homem e ambiente – sendo o ambiente constituído por três reinos: o mineral, o vegetal e o animal. O Mundo Espiritual tem a ver, nas comunidades humanas, com o fato de serem estas constituídas por individualidades (por “egos”), que compartilham um mesmo tempo e espaço. Seria aquilo que denominamos por cultura. Mas não apenas isto. O ambiente humano constitui o estofo do Mundo Espiritual na Terra, mas também se estenderia – conforme o ocultismo – às dimensões supra-humanas, nas quais se inserem os deuses. Estes seriam reinos acima do reino humano e que, como os reinos naturais, com ele interagiriam.

Abaixo do nível humano, o homem interage com o ambiente físico-vital-anímico em que ele vive. Mas, por sua vez, o ambiente em que ele vive também interage com ele, nos fenômenos vivos e anímicos do entorno (ou seja, nos reinos vegetal e animal). O ocultista pesquisador Rudolf Steiner fala em “aura etérica” de uma região em que determinada população habita (Steiner, 1986). “Etérico” é outra palavra referente a tudo que é dotado de vida, todo tipo de força que rege a vida e os fenômenos viventes. Esta aura etérica seria o resultante da interação entre a cultura humana e o ambiente vivente. Ou seja, a cultura produziria algo orgânico, vivo, que interage com o vivo do ambiente. Steiner afirma que se poderia perceber na aura etérica de uma determinada região as qualidades do povo que ali vive, ou viveu. Quando tal povo deixa o local, as qualidades da aura etérica do ambiente também mudam, diz ele. Poderíamos também falar de uma “aura anímica” relativa ao local onde vive um povo. Esta aura anímica seria constituída pelas qualidades anímicas daquele povo, ou seja, sua vida psíquica e emocional, o que faz parte da sua cultura. Conforme uma correlação tradicional do ocultismo, tudo que é vivo (etérico) é também correlacionado ao reino vegetal. E tudo que é anímico é correlacionado ao reino animal. Assim, a cultura de um povo se correlaciona tanto ao reino animal, quanto ao reino vegetal que se encontram naquela região. As plantas e os animais acabam refletin-

do as pessoas dali. Este é outro ponto importante para entendermos a questão da alma brasileira. Resta agora analisarmos as correlações de um povo com o mundo físico.

O DENOMINADO “DUPLO” E SUA RELAÇÃO COM O SOLO FÍSICO

O solo físico sobre o qual se vive também interage com os indivíduos. Isto é o mais fácil de compreender e perceber. A qualidade do solo perpassa ao ser humano através do contato direto, da água, da alimentação, do eletromagnetismo terrestre e da própria composição bioquímica dos corpos humanos e dos objetos. Entretanto, talvez não seja tão fácil a compreensão a partir da afirmação do ocultismo de que as coisas físicas não são totalmente sensoriais, ou seja, de que em cada ser físico nem tudo é materialmente perceptível ou mensurável, que há forças físicas mais sutis do que as energias eletromagnéticas. Há forças físicas, segundo o ocultismo, que ainda escapariam aos nossos sentidos e aos nossos instrumentos de aferição física. Rudolf Steiner, em diversas obras suas, chama este aspecto do mundo físico não sensível, pelo neologismo “infranatureza”. Existe uma infranatureza por trás da natureza ao nosso redor, assim como existe também uma “supranatureza”, aquelas forças vivas, anímicas e espirituais já mencionadas. Esta infranatureza faz parte da interação Homem-Terra e tem relação com a qualidade física, ambiental, da região em que se vive (a umidade do solo, a composição mineral do solo, o eletromagnetismo do solo, a energia radioativa natural do solo, etc.). Durante a gestação, nosso corpo físico é formado dentro do útero materno, mas também a partir das substâncias e forças materiais que são assimiladas do solo por nossas mães.

Em cada homem entra, quando ele é gerado e nasce, como um corpo-cópia dele mesmo, um corpo-cópia, ou *duplo*, constituído por estas forças infranaturais que emanam diretamente da região em que ele vive. Quando o homem morre e é sepultado ou cremado, ele devolve à Terra este corpo-cópia, ou duplo. Enquanto ele vive, mesmo que se desloque

pelo Planeta, aquele duplo segue com ele, faz parte dele, incorpora-se aos processos fisiológicos e psíquicos dele, torna-se um com ele. E é este duplo que determina as doenças – físicas ou psíquicas –, diz em vários momentos Rudolf Steiner. O duplo tem a ver com as doenças pelo fato de ter uma natureza essencial desorganizadora da identidade do indivíduo, pois é uma parte do mundo externo assimilada pela interioridade do indivíduo. Na tradição esotérica do hinduísmo, o indivíduo é configurado a partir de uma dupla essencialidade dividida entre “Atma” (Eu) e “Anatma” (Não-Eu). O duplo é “Anatma”, mas que interfere no Atma. Ao mesmo tempo, este duplo também se insere nos demais reinos. Há esta inserção de um duplo da Terra nas plantas e nos animais, como contraimagens dos duplos humanos. Assim, configuram-se possíveis antídotos às doenças humanas, produzidos pela interação dos duplos, ou seja, da Terra, no interior das plantas e dos animais que vivem na mesma região dos indivíduos susceptíveis a tais doenças. Isto corresponde ao que dizem algumas etnias indígenas e também uma crença de alquimistas como Paracelso e dos médicos indianos do Ayurveda: “a planta que cura uma doença em pessoas humanas está na mesma região em que vivem estas pessoas que assim adoecem”. Como? A planta é configurada pelo mesmo duplo do homem, só que em sua manifestação natural, externa ao humano. Se as doenças dentro do homem, as que dependem do duplo, são assim produzidas por este duplo, as plantas da região são aparentadas a isto. O que ocorre é que o reino vegetal guarda em si uma sabedoria de vida. E esta sabedoria de vida torna a planta apta a lidar sadiamente com as forças do duplo da Terra. Se o homem adocece, é porque não foi capaz de manter esta sabedoria. A planta, que tem esta sabedoria natural, pode ser administrada então, como medicamento, ensinando ao ser humano como lidar com o duplo. Paracelso e os médicos antigos pensavam mais ou menos desta forma, a forma oculta. Os xamãs indígenas também têm este tipo de raciocínio.

A mitologia indígena sul-americana que melhor detalha esta questão do duplo foi pesquisada, nos anos 1970, por um antropólogo chamado Reichel-Dolmatoff, que escreveu um livro fascinante sobre o povo de-

sana, de língua tucano, que vive na fronteira do Brasil com a Colômbia (Reichel-Dolmatoff, 1975). Reza o mito: No princípio dos tempos, o Deus Sol mandou o Germinador (Pamuri Mahsé), em forma de Anaconda-Gigante-que-Fuma do Céu até a Terra. A missão da Anaconda era trazer as almas de todas as tribos que existem no mundo para que viessem habitar a terra – isto porque as pessoas viviam lá, no Sol, e a terra estava sem ninguém. Só que, junto com as pessoas, vieram outras pessoas que eram duplicatas exatas de cada uma. E era uma gente estranha, feia, que veio na parte de baixo, na barriga da Anaconda, gente colada de cabeça para baixo, enquanto as pessoas normais vinham nas costas da Anaconda, por cima. E esta gente de baixo, as duplicatas, além de feias, eram muito briguentas, agressivas, indisciplinadas e não obedeciam a nada que o Pai Sol dizia para fazer. Então, Pamuri Mahsé resolveu matar todas as duplicatas (que em língua desana se chamam veari-mahsé, “espíritos-duplos”, ou algo assim). Mas o Pai Sol teve pena das pessoas veari-mahsé e mandou que vivessem no subsolo, debaixo da terra, e que mantivessem ligação com os espíritos que ele pôs na Terra, os espíritos (mahsé) que detinham os segredos dos animais e das plantas. Mas, até hoje, dizem os xamãs desana, cada pessoa mantém uma ligação com o seu próprio veari-mahsé, quando pisa o chão e a sua sombra se forma. A sombra de pessoa no chão é uma imagem do veari-mahsé, ou então quando uma pessoa se vê num espelho, ou com o seu rosto refletido na água, ou nesta invenção dos caraíbas, uma fotografia. Não é a pessoa mesma, é o veari-mahsé se passando pela pessoa. Somente pajés muito poderosos sabem como dominar seu veari-mahsé, seu próprio e o de outras pessoas. Se uma pessoa que não é pajé encontra, por acaso, um veari-mahsé, e nunca será o dela própria, pois só um pajé iniciado tem este poder – será o duplo de outra pessoa –, isto geralmente a faz adoecer, ficar traumatizada, enlouquecer, ou mesmo morrer. Se for uma mulher a encontrar uma veari-mahsé, este pode estuprá-la ou bater nela até a morte. Se for um caçador, pode encontrar um vaari-mahsé feminino que o seduzirá e o levará para o fundo de um rio, por exemplo. Os veari-mahsé são uma qualidade temida de espíritos, entre outros mahsé diversos (como espíritos das plantas, geralmente femininos, ou dos animais, ou dos mortos),

todos temidos. Quero chamar a atenção para a natureza ruim e feia do duplo, segundo o mito, e que foram eles, os duplos, que introduziram o mal no mundo originalmente imaginado pelo Pai Sol, mas que resolveu “não os matar”, mas que fossem viver em oposição-complementar a cada indivíduo.

Todavia, podemos deduzir que a experiência complexa do duplo deva ser sentida de uma forma X na América do Norte e de uma forma Y na América do Sul, justamente por causa de nuances qualitativas distintas mencionadas atrás entre as Américas. Como veremos adiante, há uma maior “masculinidade” na terra norte-americana, mais física e mais ligada ao sólido da terra. De forma oposta, há uma maior “feminilidade” na América do Sul, situada no elemento aquoso (mais oceanos e menos continentes) e menos ligada ao físico. Interessante que os índios desana dizem que os seus duplos, veari-mahsé, vivem em regiões onde existam pântanos, rios e lama sob a superfície da terra. O tipo de geologia que não é tão predominante nas planícies norte-americanas, mais secas em sua maioria, ou mesmo semidesérticas, como os desertos do Arizona, do Texas e regiões da Califórnia. Mas, em todo caso, a ideia de duplo das pessoas também existe em várias mitologias indígenas norte-americanas, além do mito bem universal, aqui nas Américas, da noção do cosmo como duplo constituído pelo par Sol-Lua, Kuaraci e Iaci, entre os tupi. Tudo para os índios é simétrico, tudo tem que ser duplicado, uma metade igual à outra metade, e é inconcebível a assimetria porque as coisas todas são a coisa e seu duplo. Isto se parece muito com a noção egípcia antiga do *ka*, o duplo ou sombra de cada indivíduo, e também com a noção dos gnósticos maniqueus de uma polaridade cósmica e humana luz-sombra.

Steiner diz que os europeus celtas, em tempos antigos, se interessavam pela sabedoria com que os índios das Américas lidavam com o duplo (Steiner, 1990). Ele diz, concordando com dados recentes, que os europeus antigos sabiam das Américas. Assim, o que interessaria a um europeu antigo conhecer, antes de Colombo, sobre esta sabedoria do duplo

dos índios das Américas? Penso que não apenas saber o que já certamente sabiam os europeus (pois o duplo existiria lá, como em toda parte), mas sim sobre como se lidar com isto, quais patologias e recursos de cura estariam implicados nisto, além do entendimento da doença humana. Não todo europeu se interessaria por isto, mas somente antigos druidas ou xamãs, ou iniciados europeus, teriam tais questões presentes o suficiente para viajarem milhares de quilômetros por mar, até aqui. Enfim, surge desta questão outra interessante: o quanto a medicina dos pajés das Américas influenciou a antiga medicina pagã europeia dos druidas? O que foi levado para lá como conhecimento que a Igreja tentou ocultar? Sim, porque, conforme as mesmas comunicações de Steiner, citadas acima, a Igreja criou interditos para impedir que a América fosse mantida na memória das pessoas, justamente para se evitar este conhecimento do duplo, e também para se colocar numa posição espiritual hegemônica na Europa. O contato com os mistérios das Américas perturbariam a hegemonia do poder espiritual e secular da Igreja na Europa medieval. O contato com outros povos das Índias Ocidentais, por outro lado, despertaria uma consciência mais terrestre, mais crítica, mais objetiva, menos disposta à imaginação acrítica. E uma imaginação acrítica era fundamental para que se mantivesse o imaginário religioso que sustentava a cristandade medieval sob a égide da Igreja. Assim, a Igreja manteve a Europa isolada, sob uma redoma de vidro doutrinária. Estes fatos ainda não são conhecidos ou tratados por historiadores modernos.

Outra dedução é que os alimentos indígenas das Américas que seriam depois levados para a Europa – tais como a batata, o milho, o tomate, algumas pimentas e feijões, etc., além do tabaco, teriam um efeito específico sobre o nível de consciência do povo europeu. Um caso especial é o tabaco, vício que rapidamente foi disseminado entre os europeus, pouco tempo depois de descoberto entre os indígenas americanos. Um vício que, na Europa, disseminou-se de forma totalmente descontextualizada de práticas religiosas xamânicas, diferente do que sempre foi nas Américas pré-colombianas. E assim, pelo menos durante mil anos, até a época das navegações ibéricas, a América foi mantida oculta, como

segredo do poder teocrático. Este conhecimento das Américas existia antes da Idade Média, e seria mantido entre povos pagãos. Assim, a memória de terras americanas foi mantida e certamente continuou operante entre povos não cristãos, como árabes, chineses e indianos. Este tópico será visto num capítulo adiante. Por hora, desejo colocar somente a questão do duplo geográfico físico, o Anátma que se insere no Atma. E mencionar o que afirma Steiner: nas Américas este duplo é bem mais intenso.

O MASCULINO NO NORTE, O FEMININO NO SUL

Outro ponto importante, já mencionado, é a questão da masculinidade ou feminilidade de um hemisfério da Terra. E isto tem a ver, no caso, com os hemisférios norte, ou masculino, e o hemisfério sul, ou feminino. A Terra tem que ser vista, a partir do ocultismo, não como um corpo inerte esférico e sobre o qual vivemos. A Terra mesma é um ente vivo, um ser dotado de vida, de alma e de consciência. Isto será incrível demais diante da forma de pensar racional e materialista contemporânea, mas ecoa perfeitamente em harmonia com tradições de vários povos antigos e concepções indígenas existentes atualmente. Rudolf Steiner, de perfeito acordo com tradições esotéricas mais antigas, afirmou, numa conferência (Steiner, 1909), que na formação do planeta Terra, haveria um jogo de forças conforme o eixo norte-sul (além de outro jogo de forças no eixo leste-oeste). O eixo norte-sul determina nas formas vivas e na conformação planetária uma relação dual, na qual ao sul tende a ocorrer menos força de solidificação, e mais água, mais fluidez; enquanto, ao norte, tende a haver mais força de solidificação, menos água. E assim, na Terra, acima do Equador veríamos o efeito disto na maior quantidade de terras continentais, enquanto no sul, maior quantidade de oceanos. Esta polaridade teria ajudado a plasmar a disposição dos continentes e dos oceanos, de um passado remoto até a configuração geográfica atual da Terra.

Em diversas colocações sobre a América, Rudolf Steiner coloca uma polaridade entre a Ásia (ou, para um europeu, “Oriente”) e a América (“Ocidente”, para o europeu). A Europa estaria, assim, num meio termo entre o Leste asiático e o Oeste americano. Esta polaridade, afirmava Steiner, representaria uma dicotomia correspondente às forças espirituais ditas *ahrimânicas* e *luciféricas*, outra polaridade muito mencionada nos textos de antroposofia. Ahrimânico é algo endurecedor, rígido, seco, frio, tendente à morte. Luciférico é algo fluido, mole, solvente, tendente à abundância de vida. A primeira tendência, a ahrimânica, relacionada com a identificação do homem em relação ao corpo e ao mundo material – correspondente à América, segundo ele. A tendência oposta, luciférica, pertinente à Ásia, corresponde à tendência contrária de afastamento do mundo material e do corpo físico. Assim, o “Oriente” teria relação com este afluxo luciférico, no dizer de Steiner, no qual o homem aspira a escapar do mundo. O “Ocidente”, ou seja, a América – que, podemos presumir, deve se referir à América do Norte – relaciona-se com este impulso do ser humano de mergulhar, via mecanicismo e tecnologia, na matéria. Sendo crítico, diria eu que esta visão tem o defeito de ser por demais genérica, de reduzir a dimensões muito simplistas as culturas asiáticas como um todo, bem como as culturas das Américas, tão distintas e complexas. Também é uma visão centrada no europeu, como meio-termo, ou ponto de equilíbrio, e que, afinal, não interessa nem cabe a nós que estamos na América do Sul. Para o nosso ponto de vista de filhos das três Américas, seria mais interessante ver-nos situados espiritualmente entre a Ásia e a Oceania, a oeste, lá na direção do “sol poente”, e a Europa e África, a leste, na direção do “sol nascente”. Em termos específicos de hemisfério sul, ou seja, América do Sul, a nossa situação espiritual é a de meio termo entre a Oceania e o sudeste da Ásia, de um lado, e a África, de outro lado. Para nós, sul-americanos, tanto América do Norte quanto Europa constituem o nosso “Norte”. A nossa polaridade relativa é Ásia-Oceania no oeste, e África, no leste. É situando-nos entre estes dois antípodas, e também o “Norte”, que devemos procurar entender quem somos, quais influências recebemos, e ao que nos contrapomos, em termos de uma visa das culturas e dos povos inspirada pelo ocultismo.

Além disto, a relação leste-oeste da Terra, na concepção do ocultismo, desde o século XIX, apresenta outra forma de movimento cultural que, no caso dos diversos povos, o mais espiritualizado (ou mais carregado do impulso luciférico), se apresenta em *dégradé* decrescente do oriente em direção ao ocidente. Ou seja, quanto mais oriental, mais espiritualizado, e quanto mais ocidental, mais materializado. E o mais materializado (ou mais carregado do impulso ahrimânico), o mais ligado ao corpóreo, se apresenta num *dégradé* oposto decrescente do ocidente em direção ao oriente. É outro esquema bem generalizante e que não considera as muitas exceções, aqui ou ali. Mas não deixa de ser didático. Mesmo na América do Sul, esta relação continua ajudando a entender diferenças entre culturas indígenas do Brasil, mais ao leste do continente sul-americano, e as culturas andinas, mais ao oeste. No lado oeste, do lado Pacífico, as culturas andinas vivem o rigor das grandes altitudes e da paisagem árida, fria e seca. Desenvolveram uma religiosidade na qual a imagem da morte está fisicamente presente (algo semelhante à cultura egípcia ou maia e asteca), com a tendência aos cultos do corpo mumificado, retorcido e seco do ancestral. O ancestral não é tanto um espírito vivo, mas um corpo morto e seco animado por um espírito a ele preso.

A adoração da Mãe Terra, na forma de *Pacha Mamma*, também se expressa na adoração física da terra pedregosa, seca e montanhosa. O povo é melancólico e no semblante expressa certa dureza da existência sofrida. No leste sul-americano, do lado Atlântico, onde há grandes florestas verdejantes e rios caudalosos, como o Amazonas, viveram e vivem povos indígenas mais "dionisíacos", mais leves espiritualmente e ligados às forças etéricas e astrais da floresta densa, à abundância de vida e de colorido das florestas, que se expressa numa religiosidade mais ligada à vida invisível, aos fenômenos elementais por detrás dos físico-sensoriais. Esta tendência também pode ser entendida como feminina, enquanto a dureza andina, como masculina. Encontramos a presença deste feminino mitológico nos povos indígenas amazônicos naquelas lendas nativas que deram o nome ao próprio Amazonas. Estas seriam as mulheres guerreiras que os espanhóis ouviram falar da boca dos in-

dígenas e que habitariam aquelas florestas. Os espanhóis identificaram as “amazonas”, da mitologia grega, com as *Icamiabas* ou *Yamaricumãs*, mencionadas pelos índios. Na verdade, ouvi dos índios do Alto Xingu o relato de que estas seriam, na verdade, espíritos da natureza de aparência feminina e de porte gigantesco, que guardariam certas passagens secretas, tesouros e mistérios da floresta.

Aiupu, índio amigo da aldeia Iwalapiti, relatou-me que certa vez se viu perdido em algumas cavernas nas cercanias do atual Parque do Xingu, onde encontrou pinturas rupestres desconhecidas. De repente, Aiupu viu-se numa espécie de transe e foi cercado por mulheres gigantescas em pinturas de festa, que o prenderam ali. Eram as *Yamaricumãs*. Há uma festa xinguana, a festa da *Yamaricumãs*, quando as mulheres das aldeias assumem o lugar dos homens e estes ficam na retaguarda. Elas se pintam, põem cocares e dançam, ao mesmo tempo em que fazem uma enorme algazarra, zombando dos homens.

Sendo enorme o Brasil, e toda a parte leste da América do Sul, tem as suas diferenciações regionais. Há Astral e Etérico em tudo, em toda parte, em todo lugar, dentro e em torno de qualquer criatura. Mas há qualidades e dinamismos diferentes no campo astral e no campo etérico, conforme o ambiente, conforme a população humana, etc.

O Brasil é um país enorme e, como tal, susceptível de variações regionais, e de diferenças que se mostram no sotaque, na culinária, nos costumes e “jeitos” de cada região. Há regiões do Brasil planas e baixas, outras altas, montanhosas. Outras são úmidas como a Amazônia e outras mais secas como a caatinga e o cerrado. Tudo isto tem a ver com mais ou menos etérico, mais ou menos astral. Onde tem muita umidade e vegetação há muito etérico (forças de vida) se expressando. Onde tem menos umidade e é mais desértico, menos etérico. Onde tem muito bicho ou muita vida emocional humana, uma qualidade mais passional de astral (forças anímicas), onde não há tanta fauna, um tipo de astral mais vegetativo. Mas, afora isto, há o Grande Etérico e o Grande Astral que permeiam

todo o país, geograficamente. Do ponto de vista cultural, há regiões sob influência maior da colonização europeia, como o Sul e Sudeste. Há regiões sob influência da África, como a Bahia e os quilombos também no sudeste. Há regiões muito fortemente indígenas, como a região norte. Existe a *Terra Brasilis*, que também tem as suas variações, e existe o povo que habita estas variações e a história deste povo. É diferente um imigrante europeu que vem morar em São Paulo, e o que acontece com ele ao longo do tempo, das gerações, e se ele fosse morar em Manaus. A astralidade de um país e o ambiente etérico variam de lugar para lugar.

Assim, conforme visto, a qualidade da região da Terra influi sobre as populações que ali vivem. Além das diferenciações leste-oeste teríamos as diferenciações conforme a polaridade norte-sul. Assim, se há hemisférios da Terra masculino e feminino, haverá povos masculinos, ao norte, e povos femininos, ao sul. O que significa um povo masculino ou feminino? No dualismo dos gêneros, ocorre algo semelhante ao pensamento do taoísmo chinês, onde *Yang*, ou masculino, significa atividade, objetividade, agressividade, domínio sobre; enquanto *Yin*, ou feminino, representa maior passividade, subjetividade, menos agressividade, ser dominado. Bem, historicamente, os povos do hemisfério norte dominaram os povos do hemisfério sul. Neste sentido, o caráter imperialista e colonizador do europeu e também do asiático, em especial os povos chinês e japonês, impôs-se sobre o caráter mais submisso e colonizável do africano, do sul-americano, do indiano e do aborígine australiano. A população indígena da América do Sul, ou seja, falando mormente em Brasil, corresponde a uma parcela feminina da humanidade e, por conseguinte, submeteu-se ao processo colonial-imperialista europeu. O mesmo se pode dizer da África subsaariana, ou África negra, submetida através dos séculos à dominação por parte do hemisfério norte. "Masculino" ou "feminino" não indicam, aqui, critérios de mais ou de menos valor, mas apenas qualidades anímico-culturais dos povos. Um povo se torna mais dominante sobre outro, ou seja, mais "masculino" sobre outro "feminino", quando passa a dominar tecnologias que dão a este povo mais poderio, e uma atitude mais aguerrida. Isto é uma qualidade de um povo. Mas, por outro

lado, mais imaginação, mais ligação com a espiritualidade da Terra, uma atitude mais sonhadora que não permite tecnologias operativamente muito poderosas, é outra qualidade possível em povos mais “femininos”. Povos masculinos também entram em conflitos entre si, assim como os povos femininos, gerando as mais diversas possibilidades de interação cultural ao longo da História.

Esta ligação mais imaginativa a partir do feminino, pré-disporia um povo assim “do sul” a uma forma mais fortemente presente de veneração das “Mães”, ou seja, da Deusa em seu aspecto de Alma do Mundo, ou de espiritualidade feminina que rege os elementos. Este é um dos atributos das antigas correntes esotéricas gnósticas referentes à Deusa, ou seja, à face feminina de Deus – então denominada *Sophia* ou *Hochmah*. A *Sophia* também era apelidada, entre os alquimistas, pelo nome de *Natura* e era representada pela imagem de uma mulher nua pairando sobre o mundo natural. Entre os povos indígenas dos Andes, este feminino é a já mencionada *Pacha Mama*, a Mãe Terra, entidade onipresente em todos os mitos e ritos andinos. Entre os índios amazônicos pode aparecer como a Anaconda gigante, a Sucuri, uma cobra descomunal, gigantesca, ou “Cobra Grande”, das lendas do caboclo amazônico. Numa das lendas indígenas amazônicas, a Cobra Grande atraía as mulheres para a sua caverna aquática, todas as noites de lua cheia. Os homens sentiam-se abandonados, pois suas esposas desapareciam e eles não sabiam para onde iam. Ao segui-las, os homens descobriram que suas mulheres passavam a noite eroticamente brincando com a Cobra Grande. Pediram então a Tupã que resolvesse a questão. O deus picou a cobra em pedaços e implantou cada pedaço entre as pernas dos maridos. E, assim, as mulheres nunca mais fugiram à noite.

Nos *Puranas* hindus conta-se que os povos dominadores de cultura dita Ária, vindos do norte, adoravam deuses preferencialmente masculinos, tais como *Indra*, *Varuna*, *Mitra* ou *Agni*. Estes dominadores encontraram uma população negróide, os Drávidas, proveniente do sul da Índia, e cuja espiritualidade, conforme os *Puranas* era centrada na imagem da Deusa

Mãe, sob diversas formas, sendo uma delas *Kali*. Na Austrália, as tribos aborígenes veneram uma “Cobra Arco-Íris” como arquétipo da deusa, entidade protetora de todas as mulheres. Nas Américas, com a chegada dos espanhóis, a Deusa Terra assumiu formas sincréticas, derivando para os diversos cultos de Maria. Este marianismo também se fez presente no Brasil desde a época colonial.

Interessante também a questão do feminino ligada ao mundo vegetal nas Américas, principalmente na América do Sul, e também à sabedoria do vegetal. As plantas, principalmente as enteógenas², são entidades femininas, “professoras”, que ensinam sabedoria – como a *Ayahuasca*, por exemplo. Vários mitos indígenas contam que as plantas não são o que vemos. O mundo vegetal do modo que vemos e sentimos, dizem diversos grupos indígenas, e só uma ilusão, uma enganação dos sentidos. As plantas são todas mulheres, *cunhãs*, donzelas. Também no imaginário nativo, o feminino se faz presente pela crença nas diversas “mães” como entidades que presidem forças naturais. Assim, há a “mãe do milho”, ou a “mãe d’água”, ou a “mãe do ouro”, a “mãe do rio”, a “mãe da mata”, etc.

Um mito amazônico do povo *Suruí* conta que um avô pediu ao neto que fosse buscar madeira fresca para secar e virar lenha. O neto, que era então um jovem do tempo encantado das origens, foi até mata e só viu moças, toda a mata eram moças nuas e pintadas, muito simpáticas. O rapaz voltou de mãos vazias, dizendo que só tinha visto moças, nada de lenha. O avô, irritado, mandou o neto de novo, e de novo ele não viu madeira, só viu moças. Finalmente, o avô ralhou com ele e mandou que ele matasse com seu machado uma daquelas moças pra trazer madeira pra virar lenha. Ao matar uma, com muita dó, o jovem descobriu que instan-

² O termo “enteógeno” se refere às plantas que possibilitam experiências iniciáticas subjetivas, sendo uma alternativa mais generosa ao termo “alucinógeno” porque considera a natureza cognitiva do processo.

taneamente a jovem morta se transformou em uma tora de madeira e, espantado, viu ainda que todas aquelas moças eram, de fato, a madeira de que o avô falava. E desde então, ninguém mais pôde ver as árvores e plantas como moças, tão facilmente, ficou mais oculto ainda. Certamente, apenas um pajé poderia ver assim, por trás das aparências.

Quando um pajé conquista um destes espíritos-cunhãs, ela pode ensinar a ele todos os segredos da cura, da cura para a qual ela serve e foi criada. E ela ensina algo fantástico, conforme outro mito indígena amazônico do povo *Kaxinawá*: No início dos tempos, o Criador fez os homens e plantas numa unidade. Mas alguém perguntou: “Como vamos fazer quando ficarmos doentes? Com que recurso vamos nos curar?” Havia uma velha mulher-pajé muito sábia, que ficou pensando nisto. E achou um jeito: transformou metade das pessoas em plantas e a outra metade em gente mesmo. Assim, cada pessoa tem uma metade planta correspondente, na mata. E quando a pessoa ficar doente, se não tiverem destruído a sua metade planta, ela será a sua cura. O problema é que os caraíbas vêm destruindo todas as moças-metade-plantas das pessoas... E como ficará quando esta ou aquela pessoa precisar se curar? É por estas e por outras que, conforme outro mito indígena Tupi, o Sol, que antes morava aqui conosco, foi embora para o céu, deixando aqui as moças-plantas com este destino cruel de serem mortas pelos caraíbas.

Outro mito comum a vários grupos indígenas do Alto Xingu, conta que o Criador fez os seres humanos a partir de troncos de árvores, cantando para elas (há canções que “acordam” as plantas, e que são secretas, e quando elas acordam assumem forma humana). E quando estas árvores acordaram – eram da árvore sagrada *quarup* – tornaram-se moças, cunhãs. “*Quarup*” é uma palavra *Kamayurá* que significa “árvore do sol”. As mulheres todas foram feitas de árvores do sol, através do efeito mágico do canto. Por isto, até hoje, esta árvore significa a passagem de seres não vivos para a condição de vivos, ou o contrário, de vivos para não-vivos. A festa dos mortos no Xingu se chama “*Quarup*”. E então, após criar mulheres vivas de *quarup*, o Criador mandou que procurassem o Jaguar (a onça

macho) para se casarem. Assim nasceriam seres meio onça, meio gente-quarup, que seríamos nós, seres humanos. As recém-criadas moças seguiram pela mata, procurando o Jaguar, e quase todas se perderam ou morreram. Só duas delas sobreviveram no mito, e assim, nasceram Sol e Lua, dois irmãos gêmeos, filhos de uma delas e do Jaguar. Estes gêmeos tinham natureza dupla, meio gente-quarup, meio jaguar – e foram os nossos pais. Por isto todo homem e mulher é meio quarup e meio Jaguar, e como quarup guarda um pouco do canto do Criador que o desperta, e como Jaguar, guarda a ferocidade animal que aterroriza. Este mito lembra muito, mais uma vez, o dualismo dos gnósticos maniqueus – que viam no homem uma mistura de luz e treva primordiais –, e o mito grego órfico que conta que Zeus criou o homem a partir da natureza feroz dos Titãs e da natureza solar luminosa de Dioniso.

DO LENDÁRIO IMPÉRIO DA ATLÂNTIDA

Em ocultismo, podemos falar de Atlântida em dois sentidos. Primeiramente, no sentido de toda uma Era pela qual o Planeta inteiro passou. E seria correspondente, mais ou menos, à Era Quaternária dos geólogos e paleontólogos. Arqueologicamente corresponderia, em parte, ao período paleolítico e neolítico. Em um segundo sentido, podemos falar da Atlântida como uma cultura do passado, um grande império hoje extinto.

A Atlântida, como uma ilha, foi mencionada em dois textos de Platão (Timeu e Crítias), nos quais ele diz ter sido um conhecimento de sacerdotes egípcios, a respeito da história antiga dos povos mediterrâneos. Ao longo dos séculos, muitos procuraram alguma prova de que teria existido um continente no Atlântico, incluindo o finado Jacques Costeau e sua equipe de mergulhadores. E não encontraram nenhum indício de qualquer continente em mergulhos de profundidade. Por quê? Porque a Atlântida não teria sido um continente, exatamente, mas um vasto arquipélago – um império transinsular – com uma grande ilha central, por um lado, e, por outro lado, um vasto império global com colônias em

vários continentes, desde a América, passando pela África e Europa, à Ásia. Sinais estariam por toda parte no Velho e no Novo Mundo, e não necessariamente no fundo do Oceano Atlântico. Qualquer petroglifo, ou construção megalítica, ou ruína de pedra, de mais de dez mil anos de idade é, necessariamente, "atlante", ou seja, do período atlante. Na grande ilha teria vivido um povo imperialista que produziu colônias de um vasto império que pode ser chamado de "Império Atlante". Uma evidência geográfica restante da Atlântida são os arquipélagos da Ilha da Madeira e dos Açores, que teriam sido as montanhas mais altas da ilha *Atlantis*. O fundo do Atlântico a leste do Golfo do México e próximo da África, perto da Ilha da Madeira e Açores, mostra saliências que podem ser evidências de antigas terras agora submersas (a região pertence a Portugal). Mais perto do México, passando pelo misterioso triângulo das Bermudas e Cuba, estaria a costa ocidental das ilhas do Império Atlante – que também teria montado bases pré-colombianas nas América Central. Por isto não está incorreto pensar que a Atlântida ficaria na América, pois o Império Atlante também chegaria até aqui, assim como não está incorreto dizer que a Atlântida ficava no Mediterrâneo, pois havia bases do Império por todo o Mar Mediterrâneo até as ilhas gregas, Chipre e o Oriente Médio e mais além... Na Índia, ao noroeste, no litoral do Estado de Gujate, nos anos 1980, pesquisas submarinas descobriram ruínas de uma cidade submersa no mar, e que teria sido a antiga *Dwarca*, ou cidade de Krishna, citada nos Puranas, e talvez mais antiga do que oito mil anos, ou mais. No Japão, em 1987, mergulhadores descobriram nas ilhas Yonaguni Jima, perto de Taiwan, ruínas submarinas geométricas, isto é, inequivocamente construídas pelo homem. O detalhe é que esta região só esteve na superfície mais de dez mil anos atrás, ou seja, antes do final da última glaciação, quando o nível dos oceanos subiu e que coincide com a lenda do afundamento da Atlântida.

Como já mencionamos, as Américas eram conhecidas antes de Colombo – este assunto será abordado mais à frente desta obra. Da mesma forma, a antiga localização no Atlântico das ilhas atlantes também era conhecida. E ambos eram conhecimento oculto. Por certo, sabiam

Falta ilustração

Croqui do sítio arqueológico submarino de Yunaguni Jima, Japão (do autor).

iniciados da Europa medieval, Egito e Arábia, que as Ilhas Açores e Madeira eram restos da Atlântida – pois estas regiões são vizinhas da localização da Atlântida, conforme mencionada por Platão, ou seja, “para além das colunas de Hércules” (Estreito de Gibraltar). Estas ilhas eram pontos de escala – “portos seguros” – possíveis em uma viagem da Europa às Américas. E, por isto, tais arquipélagos já constavam de rotas de navegação vikings, ibéricos, árabes e genoveses no século XIII, como possíveis pontes para se chegar às Américas. O filho do Rei de Portugal, no século XIV, o Infante Dom Henrique de Coimbra (o qual é chamado de “Henry, o Navegador, pelos ingleses), teria herdado mapas secretos da Ordem dos Cavaleiros Templários³ (que, em Portugal, foi disfarçada pelo nome de Ordem de Cristo). A lenda diz que os Tem-

³ Dom Henrique era um Templário, conforme a exigência dos estatutos da Ordem, em Portugal, de que o Rei ou o Infante (o filho do Rei) seriam os grãos-mestres em terras lusitanas.

plários teriam tido conhecimento de tais rotas proibidas ou por meio de fontes celtas e nórdicas antigas, ou por meio de informação obtida com os mouros na Terra Santa.

Os capitães de frotas lusitanos, como Cabral e Vasco da Gama, exibiam no peito a cruz templária, além do que a mesma cruz era sempre estampada nas velas das naus. Dom Henrique enviou uma expedição para reconhecimento das ilhas (Açores e Madeira) e desde então elas pertencem politicamente a Portugal. Foi também Dom Henrique quem mandou a primeira leva de portugueses para povoar as ilhas – que até então eram desabitadas. Depois mouros foram para lá e, posteriormente, outros povos. Uma lenda ibérico-mediterrânea que vinha de fontes mais antigas, conta que na região onde hoje estão as Ilhas Açores e Madeira viviam povos que construíram as Sete Cidades (*Insula Septem Civitatum*, Ilha das Sete Cidades). Já se falava das *Sete Cidades* e seus povos atlânticos num manuscrito do século VIII, redigido em português arcaico. Segundo a lenda, esta ilha é mágica e só pode ser vista numa noite de São João. Na verdade, *Sete Cidades* seria uma reminiscência mal definida das antigas sete principais ilhas-estado atlânticas e que há muito não existiam mais. Cumpre lembrar que esta região do Oceano Atlântico tem atividade vulcânica e mais de um vulcão ativo submarino, sendo um especialmente próximo às Ilhas dos Açores e outros nas costas do México e América Central. Isto indica a instabilidade da região e seria um indício de possíveis catástrofes atlânticas no passado. Uma erupção vulcânica de grande porte na região poderia produzir um *tsunami* que engoliria vários arquipélagos em menos de uma hora, associando a isto o nível elevado do mar pelo derretimento do gelo glacial, dez mil anos atrás. Toda a parte atlântica de um grande império poderia assim ter sido facilmente apagada do mapa, restando apenas as colônias continentais mais distantes, que logo teriam entrado em colapso cultural também.

Outro indício semelhante ao de Yunaguni está no fundo do Golfo do México, na região próxima às Bahamas (região de Bimini), onde se encontram enormes estruturas quadrangulares de pedra, alinhadas geometricamente em fileiras, num fundo do mar que só teria estado acima da superfície

pelo menos dez mil anos atrás ou mais. O conjunto submarino sugere uma estrutura portuária. Quem construiria fundações de um porto marítimo numa época em que se supõem não existirem navios, nem arquitetura em pedra – ou seja, no neolítico?

Estão os indícios arqueológicos da Atlântida, considerando esta civilização um império ou todo um período cultural pré-histórico, e não uma ilha isolada, por toda parte em que houve uma colonização intensa ou mesmo discreta. E tais indícios demonstram um nível superior de sofisticação tecnológica, em plena camada paleolítica ou mesmo neolítica (isto é, quando ainda o resto dos povos trabalhava com pedra lascada e pedra polida). Um destes indícios são as ruínas de *Tiahuanaco*, na Bolívia, por exemplo, datadas por carbono 14 como tendo 3.500 anos. Porém, segundo alguns arqueólogos, baseados em dados arqueo-astronômicos, as ruínas teriam, na verdade, 12 mil anos, sendo atribuídas a um povo andino desconhecido. Quando os espanhóis chegaram à região, os incas lhes informaram que já encontraram as ruínas daquele jeito e não tinham sido eles os construtores, nem mesmo o povo mais antigo anterior a eles, os aymará.

Falta ilustração

Croqui do complexo de Tiahuanaco, Bolívia (do autor).